

O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA VOLTADA AO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Vanilda Salton Köche¹
Adiane Fogali Marinello²

RESUMO: Este artigo propõe uma sequência didática voltada para a leitura e escrita do gênero textual crônica. A sequência didática apresenta um conjunto de atividades estruturadas de forma sistemática em torno do gênero. O trabalho é um recorte da pesquisa *“O ensino da leitura e escrita a partir dos gêneros textuais”*, desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul/CARVI. A pesquisa apresenta um enfoque didático-pedagógico. Fundamentam este artigo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e os autores Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Moisés (1979, 2004), Cândido *et al.* (1992), Coutinho e Souza (2001), Sá (1985), Fávero e Molina (2006), Machado (1994), Martins e Saito (2006), Soares (1997), Costa (2009) e Faria (1995).

Palavras-chave: crônica; leitura; produção textual.

Chronicle text genre: a didactic sequence for the teaching of reading

ABSTRACT: This article proposes a didactic sequence focused on the reading and writing of the chronicle text genre. The didactic sequence presents a set of structured activities in a systematic way about the genre. This study is part of a piece of research called *“The teaching of reading and writing from textual genres”*, developed at the University of Caxias do Sul / CARVI. The research presents a didactic and pedagogic approach. This article is based on the National Curricular Parameters (1998) and the authors Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), Moisés (1979, 2004), Candido *et al.* (1992), Coutinho and Souza (2001), Sá (1985), Fávero and Molina (2006), Machado (1994), Martins and Saito (2006), Soares (1997), Costa (2009) and Faria (1995).

Keywords: chronicle; reading; textual production.

INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos das aulas de Língua Portuguesa é aperfeiçoar a expressão oral e escrita do aluno, de modo que seja capaz de utilizar com eficácia a linguagem verbal nas diversas situações comunicativas. Nesse sentido, cabe ao professor propiciar atividades que permitam ao educando tornar-se um usuário competente da língua e, por conseguinte, ampliar suas possibilidades de inserção na sociedade e exercício da cidadania.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. vskoche@ucs.br

² Mestre em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul. Professora Assistente I do quadro de carreira da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. afmarine@ucs.br

Assim, a exploração de gêneros textuais de circulação social em situações reais de comunicação surge como alternativa para um ensino de língua mais eficiente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que, para haver plena participação social do indivíduo, é necessário o domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua como sistema simbólico empregado por uma comunidade linguística. O documento ressalta ainda que, através da linguagem, as pessoas se comunicam, têm acesso à informação, defendem e expressam opiniões, partilham ou criam visões de mundo e geram cultura (BRASIL, 1998, p. 19).

Nessa perspectiva, este artigo caracteriza a crônica enquanto gênero textual e apresenta uma sequência didática que explora a leitura e a escrita do gênero, voltada ao Ensino Médio e aos cursos de graduação em Letras. Este trabalho fundamenta-se nas contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e nos autores Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Moisés (1979, 2004), Cândido *et al.* (1992), Coutinho e Souza (2001), Sá (1985), Fávero e Molina (2006), Machado (1994), Martins e Saito (2006), Soares (1997), Costa (2009) e Faria (1995).

1. OS GÊNEROS TEXTUAIS

As últimas pesquisas na área da linguagem mostram que fatores linguísticos, retóricos e sociais influenciam a caracterização de gênero textual. Bakhtin parte do contexto sócio-histórico das comunidades linguísticas para definir os gêneros do discurso: são tipos relativamente estáveis de enunciados, produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana (1992, p. 279). São relativamente estáveis, pois podem sofrer transformações de acordo com a situação comunicativa em que são utilizados.

Para Bakhtin (1992), cada esfera da atividade humana seleciona gêneros e os utiliza de forma socialmente aceita e conforme suas necessidades. Assim, conhecer e empregar adequadamente um gênero textual significa dominar um modo de concretizar determinados objetivos, através do uso da linguagem em um contexto social específico.

Segundo Bronckart, texto é uma unidade de produção verbal efetiva que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que produz sobre o destinatário um efeito de coerência. O autor afirma que os textos assumem aspectos múltiplos em virtude de estarem atrelados a situações comunicativas distintas. Assim, para ele, todo exemplar de texto observável constitui um gênero de texto (1999, pp. 69-75).

A natureza dos gêneros textuais é variada, e estes recebem diversas designações,

como artigo de opinião, conto, romance, crônica, novela, aula expositiva, resenha, palestra, entre outras. Pode-se afirmar que os gêneros são ilimitados, uma vez que também são infinitas as situações de comunicação que exigem seu emprego. Para Bakhtin, ãse não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossívelö (1992, p. 302).

Como se vê, os gêneros textuais são imprescindíveis para o convívio social. Resultam das práticas de linguagem dos diferentes grupos sociais, em distintos momentos históricos, norteadas por uma intenção comunicativa específica.

2. O gênero textual crônica

2.1 Um breve histórico

O vocábulo crônica modificou seu sentido ao longo do tempo. Segundo Moisés, ele deriva do latim *chronica* ó relato de fatos, narração ó e do grego *khronikós*, de *khronós* ó tempo. O autor afirma que, no início da Era Cristã, designava uma relação de acontecimentos cronologicamente organizados. O gênero textual crônica limitava-se a registrar os eventos, sem interpretá-los ou aprofundar suas causas (2004, p. 110).

Moisés coloca que, na Idade Média, após o século XII, a crônica voltou-se para a perspectiva histórica, o que determinou uma distinção: havia obras que narravam os acontecimentos detalhadamente, com algumas explicações; outras os apresentavam numa perspectiva individual da história, como ocorre nas obras de Fernão Lopes (séc. XIV). O autor diz que existiam, além disso, os cronicões, também chamados de crônicas breves, que constituíam notações simples e impessoais sobre o cotidiano (2004, p. 110).

Ainda conforme Moisés, no século XVI, o termo crônica foi substituído por história. A partir do século XIX, o vocábulo foi utilizado para designar textos que tinham pouca relação com o primeiro tipo de crônica e que assumiram estrita personalidade literária. Essa forma de crônica teria sido produzida inicialmente pelo francês Julien-Louis Geoffroy, por volta de 1800, e publicada no *Journal Des Débats* (2004, p. 110).

No Brasil, a crônica surgiu há uns 150 anos, com o Romantismo e o desenvolvimento da imprensa, e é considerada um dos mais antigos gêneros jornalísticos. A princípio, foi designada pelo nome de *folhetim*, conforme coloca João Roberto Faria no prefácio de *Crônicas Escolhidas*, obra de José de Alencar (1995, p. 11):

Naqueles tempos, a crônica chamava-se folhetim e não tinha as características que tem hoje. Era um texto mais longo, publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu primeiro objetivo era comentar e passar em revista os principais fatos da semana, fossem eles alegres ou tristes, sérios ou banais, econômicos ou políticos, sociais ou culturais. O resultado, para dar um exemplo, é que num único folhetim podiam estar, lado a lado, notícias sobre a guerra da Crimeia, uma apreciação do espetáculo lírico que acabara de estrear, críticas às especulações na Bolsa e a descrição de um baile no Cassino.

Assim, a crônica em sua origem abordava diversos temas do cotidiano, e isso se mantém até hoje na configuração desse gênero.

2.2 A crônica: definição e caracterização

A crônica consiste num gênero textual em que se faz uma reflexão pessoal sobre acontecimentos pitorescos do cotidiano. Ela não se limita à mera reprodução de fatos, mas vai além, mostrando ângulos não percebidos. É fragmentária, pois não tem a pretensão de abordar o fato como um todo, mas apenas alguns detalhes significativos. Esse gênero, na maioria das vezes, é um texto curto e rápido, escrito quase sempre numa linguagem comum ou familiar.

Conforme Coutinho e Souza, o fato, que em geral é um fim para o jornalista, para o cronista é um pretexto para divagações, comentários e reflexões. É um gênero textual altamente pessoal, uma reação individual e íntima diante da vida, das coisas ou dos seres (2001, pp. 562-563). Num estilo leve, o cronista pode tratar de problemas sociais, de fraquezas humanas, de fatos ocorridos na sociedade, de uma notícia marcante, de um filme, de uma viagem, entre outros temas.

Geralmente, a crônica aborda fatos do dia a dia, ao primeiro olhar, sem importância. Para Martins e Saito (2006), o cronista faz com que esses fatos banais sejam significativos, na medida em que mostra oã grandezaõ escondida neles.

Moisés aponta duas importantes características da crônica: a brevidade e a subjetividade (1979, 255-256). No que diz respeito à brevidade, o autor afirma que a crônica consiste num texto curto, de meia coluna de jornal ou de uma página de revista. Quanto à subjetividade, a mais relevante das características, o autor destaca que o foco narrativo situa-se na primeira pessoa do singular: õmesmo quando o ñão euø avulta por encerrar um acontecimento de monta, o ñeuø está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo sua visão pessoalõ. Para o autor, a impessoalidade não é aceita pelos cronistas: é a sua percepção das coisas que tem importância; a veracidade positiva dos fatos dá espaço à veracidade emotiva com que os cronistas vislumbram o mundo. Moisés destaca

ainda que o cronista estabelece um diálogo virtual com um interlocutor mudo, mas sem o qual sua (ex)incursão é inviável.

Uma das marcas desse gênero é abarcar o comentário do fato jornalístico, a ficção, a ironia, o humor diante da sociedade e a defesa de ideias, tendo sempre um olhar crítico e inesperado. De acordo com Moisés, a crônica caracteriza-se como expressão literária híbrida ou múltipla, pois pode assumir a forma de entrevista, invectiva, apelo, alegoria, necrológio, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc. (2004, p. 111).

Conforme Costa, a crônica busca aproximar o enunciador do leitor pelo uso frequente do discurso indireto livre e de perguntas retóricas (2009, p. 81). O discurso indireto livre ocorre quando há fusão entre personagem e narrador, pois, entremeando a narrativa, aparecem diálogos indiretos da personagem que complementam a fala do narrador. Por sua vez, as perguntas retóricas estão presentes quando o narrador propõe ao leitor questionamentos sem esperar uma resposta, com a intenção de levá-lo a pensar sobre o assunto.

De acordo com Moisés, a crônica atrai o leitor por seu estilo ágil, simples e poético, diferenciando-se assim dos demais textos publicados no jornal (1979, p. 257).

No que diz respeito à linguagem, segundo Moisés, a crônica apresenta um estilo direto, espontâneo, jornalístico, de fácil apreensão, mas nem por isso deixa de valer-se da linguagem metafórica que caracteriza as obras literárias (1979, p. 256).

Fávero e Molina afirmam que, na crônica, convivem as características das modalidades falada e escrita, e isso causa um efeito de realidade e atualidade (2006, p. 75). Um exemplo da presença da modalidade falada são as crônicas do escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo, nas quais o autor mantém as marcas de coloquialidade ao reproduzir as falas das personagens.

Moisés afirma que a crônica oscila entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia (1979, 247). Isso quer dizer que, quando a crônica se aproxima do texto jornalístico, não adentra o território da literatura e envelhece de modo rápido. Já quando ingressa no âmbito do texto literário, perdura no tempo.

Há dois tipos de crônica, a literária e a não literária; ambas são construídas a partir de dados da realidade.

Na crônica literária, o cronista transforma os elementos objetivos em estéticos a

partir de sua liberdade e capacidade imaginativa. Reinventa o real pelo uso particular das palavras, deixando transparecer suas emoções e desvelando poeticamente o instante.

Conforme Moisés, a crônica literária oscila entre a poesia e o conto. Como poesia, a crônica explora o *eu*, pois ele é o assunto e o narrador a um só tempo; quando se volta para o horizonte do conto, preza pela ênfase no *eu*, no fato que despertou a atenção do escritor (1979, pp. 251-254).

De acordo com Soares, enquanto literatura, a crônica atravessa o tempo por ser um registro poético e, muitas vezes, irônico, que capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas, perpetuando-o (1997, p. 64).

Já na crônica não literária, o autor vale-se da realidade objetiva, com seus dados passíveis de comprovação. Ela é concisa e rápida, como todo texto jornalístico. Segundo Cândido *et al.*, a crônica é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão de cozinha (1992, p. 14).

Os fatos apresentados no jornal são rápidos e envelhecem com facilidade. A crônica não literária também envelhece à medida que o fato que a originou se distancia no tempo. Por isso, conforme Sá, sua sintaxe parece ser algo desestruturado, solto, que se assemelha mais ao diálogo entre dois amigos do que a um texto escrito. Segundo o autor, no gênero crônica existe uma aproximação entre a língua escrita e a oral, mas isso não significa que o narrador use frases mal elaboradas, uma vez que não apenas copia, mas recria o real (1985, p. 11).

Conforme Machado, a crônica não é propriamente uma notícia, mas um artigo sobre a notícia (1994, p. 240). Entre as crônicas não literárias, as mais comuns são a crônica jornalística, policial, esportiva, política, social e de moda. As ideias de Sá complementam a fala da autora ao afirmar que o objetivo da crônica é aprofundar a notícia e suscitar uma análise das relações entre o fato e as pessoas, e entre estas e o mundo (1985, p. 56).

Esse gênero pode apresentar tipologia textual de base narrativa, dissertativa, entre outras, dependendo da intenção do autor. A crônica com tipologia de base narrativa possui poucas personagens, e as referências espaciais e temporais são limitadas: as ações ocorrem num único espaço, e o tempo normalmente corresponde a alguns minutos ou algumas horas. Segundo Costa, quando a crônica é predominantemente narrativa, possui trama quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pouca densidade psicológica, o que a diferencia do conto (2009, p. 80).

A princípio, a crônica é publicada em revistas ou jornais, na forma impressa ou *online*, e, geralmente, localiza-se numa seção determinada, criando assim uma familiaridade com o leitor. Posteriormente, muitos autores reúnem suas crônicas em livro, na maioria das vezes, em forma de coletânea.

3. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA LEITURA E PRODUÇÃO DA CRÔNICA

Dolz, Noverraz e Schneuwly sugerem a sequência didática como uma das possibilidades para explorar a leitura e escrita de gêneros textuais. Para eles, uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (2004, p. 97).

Segundo os autores, a sequência didática é formada por quatro componentes: a apresentação da situação; a primeira produção; os módulos e a produção final (2004, pp. 99-107). Segue a explicitação desses componentes.

3.1 A apresentação da situação

A apresentação da situação objetiva preparar os alunos para a produção inicial e expor o projeto de comunicação que se concretizará na produção final. Permite aos estudantes visualizar a situação comunicativa em que deverão interagir e a atividade de linguagem que irão realizar. Nesta etapa, é imprescindível que fique claro qual o gênero textual a ser trabalhado, a quem ele se destina, que forma assumirá a produção e quem participará dela. É necessário também preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos, para que os educandos percebam sua importância e estejam cientes dos temas que irão trabalhar.

3.2 A primeira produção

A primeira produção permite ao professor avaliar quais são os conhecimentos que o aluno possui sobre o gênero proposto e o assunto a ser discutido, bem como lhe fornece elementos para definir quais as atividades que serão apresentadas nos módulos. Também serve para o estudante tomar consciência das representações que possui da atividade de linguagem a ser executada.

3.3 Os módulos

Os módulos desenvolvem habilidades importantes para o domínio do gênero textual

e possibilitam sua apropriação por parte do aluno, preparando-o para a produção final. Fornecem os instrumentos necessários para que o aluno supere as dificuldades constatadas na primeira produção. Nesta etapa, a atividade de produção textual é decomposta, a fim de que seus diversos elementos sejam explorados isoladamente.

No que diz respeito aos módulos, os autores apresentam as seguintes sugestões:

a) trabalhar problemas de níveis diferentes ó a representação da situação comunicativa, a pesquisa, organização ou criação dos conteúdos, o planejamento do gênero e sua produção;

b) diversificar as atividades ó observação e análise de textos e tarefas simplificadas de produção textual;

c) capitalizar as aquisições ó ao final dos módulos, é organizada uma síntese dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual.

3.4 A produção final

A produção final constitui o momento em que o aluno se vale da síntese dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual e dos instrumentos organizados nos módulos para nortear a produção, a revisão e a reescrita de seu texto. Essa síntese poderá servir também para o professor efetuar uma avaliação somativa.

4. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Apresenta-se, a seguir, uma sequência didática voltada para a leitura e escrita da crônica, calcada no referencial teórico de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

4.1 A apresentação da situação que envolve a produção de uma crônica

Imagine que você foi convidado para publicar uma crônica num jornal de circulação regional. Leia jornais e revistas da semana e escolha a notícia que mais lhe chamar a atenção.

4.2 A primeira produção da crônica

A partir da notícia selecionada, produza uma crônica jornalística ou literária, observando as características do gênero. Os colegas serão seus interlocutores.

4.3 Os módulos

4.3.1 Análise de uma crônica com mediação do professor

Leia silenciosamente a crônica *Namoro do cemitério*, de Lara de Lemos. Após, discuta com seus colegas e professor aspectos que julgar pertinentes.

NAMORO NO CEMITÉRIO (*Lara de Lemos*)

1 Talvez fosse contrariado, desses que vingam no proibido. O rapaz era magro e ossudo com cara de pobre honesto. Ela, morena e tímida.

2 A tarde morria em sossego e havia no ar um vago sentimento de bênção. Eles caminhavam com passo natural e leve, deixando que o vento desalinhasse seus cabelos.

3 A palavra òcandorö, antiga e desusada, brotava no coração da gente ao vê-los. Falavam nada. Era como se já soubessem tudo um do outro e o entendimento se concentrasse nas mãos, nos dedos enlaçados.

4 Passeavam entre os túmulos tão longe da morte como da vida. O cemitério era uma festa às avessas. Um desejo de refúgio, de alívio, de fuga ao estreito mundo de todos os dias. Sofriam. Pareciam destinados à doçura daqueles momentos e à pena de perdê-los. Resignavam-se sem luta à fatalidade daquela terra cheia de mortos. Era como se dissessem de si para si, que tudo tinha de ser assim mesmo ó meio saudade, meio remorso, meio adeus.

5 Sem que o suspeitassem, mudavam valores e o transitório se sobrepunha ao eterno: só o amor era uma urgência. Nada existia fora deles e daquela felicidade de estarem juntos.

6 Iam e vinham, várias vezes, pelas mesmas alamedas, e, por fim, sentaram-se à beira de um túmulo e se olharam com um alegre sincero, um quente de aconchego, um consolo de abreviadas tristezas. Era como se eles estivessem refabricando o princípio do mundo; o primeiro dia, o primeiro sol, a primeira árvore, os primeiros pássaros, a primeira cantiga.

7 Ele abriu os braços e ficaram quietos, apertados numa mesma quentura, sabendo-se. E aquela paisagem feita de céu, silêncio e ciprestes, completava-os em amarga quietude.

8 A hora era quase de noite e o vulto deles era tênue no espaço. Podiam voar feito aves, desaparecer no vento, transformarem-se em nuvens. Ou flores.

9 Aquele abraço, aquela confiança era promessa de recompensa por tudo o que haviam sofrido antes, sempre. Como se estivessem comprando naquele momento uma definitiva futura alegria.

10 E dali foram para o mundo dos vivos, apertados, esbarrando nos túmulos, segregando longas despedidas, posto que assim é o amor de verdade (LEMOS, Lara de. *Histórias sem amanhã*. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963. pp. 138-139).

4.3.1.1 Análise esperada

Com a intermediação do professor, espera-se que os alunos cheguem às conclusões que seguem.

Namoro no cemitério caracteriza-se como uma crônica literária, pois mostra uma cena de forma estética: o namoro de um rapaz e uma moça em um cemitério. O importante não é o fato em si, mas a reflexão pessoal sobre o amor que o texto propõe.

Para transformar os dados da realidade em elementos estéticos, a crônica emprega uma linguagem subjetiva, que expressa a visão pessoal do indivíduo frente a algo: òE aquela paisagem feita de céu, silêncio e ciprestes, completava-os em amarga quietudeö (parágrafo 7).

A crônica inicia com o vocábulo òtalvezö, o que sugere a dúvida: seria o namoro proibido? No primeiro e segundo parágrafos, o narrador-observador apresenta as personagens, caracterizadas como um rapaz magro e ossudo, com cara de pobre honesto, e uma moça morena e tímida. Também dá indícios da liberdade que os jovens sentem, ao mencionar o

vento que desalinha seus cabelos e o passo natural e leve com que caminham.

Nos parágrafos 3 a 7, o narrador descreve os jovens no cemitério num clima de envolvimento, no qual o amor se revela como um sentimento forte, marcado pela afeição, felicidade e aconchego. O texto constitui-se numa reação individual diante da cena, como mostra o fragmento: ãa palavra ñcandorã antiga e desusada, brotava no coração da gente ao vê-losö (parágrafo 3).

Nos três últimos parágrafos, ocorre a saída dos jovens do cemitério para a terra dos vivos. O narrador afirma que o namoro no mundo dos vivos é que constitui o amor de verdade, e o sofrimento que o caracteriza é revelado no texto através de palavras e expressões metafóricas: õapertados, esbarrando nos túmulos, segregando longas despedidasö [...](parágrafo 10).

Observa-se que os fatos narrados transcorrem num curto período de tempo, do final da tarde até o anoitecer, e num único espaço, um cemitério, designado como a terra dos mortos. O ambiente é caracterizado pelo silêncio e pela presença de túmulos, alamedas, ciprestes e pouca luminosidade.

Segundo o narrador, ão cemitério era uma festa às avessasö (parágrafo 4). A maioria das pessoas acredita que esse local não é ideal para viver bons momentos, pois lembra perda e tristeza. Porém, para o casal, ele assume outra conotação: um refúgio onde encontram a felicidade, já que no mundo dos vivos o sofrimento os acompanha.

O cemitério era o paraíso para os jovens: õEra como se eles estivessem refabricando o princípio do mundo; o primeiro dia, o primeiro sol, a primeira árvore, os primeiros pássaros, a primeira cantigaö (parágrafo 6). A crônica parece estabelecer uma relação intertextual com a Bíblia Sagrada ao recriar a imagem da criação do mundo. A saída dos jovens do cemitério pode fazer alusão à saída de Adão e Eva do paraíso.

4.3.2 Atividades com uma crônica

- Pré-leitura

1) Quem é o autor do texto? Você conhece outras obras desse autor? Se conhece, cite algumas.

2) Mediante o título da obra *A Semana*, na qual a crônica foi publicada, a autoria e a data que aparece no início do texto, o que se pode predizer em relação à sua temática?

- Leitura

1) Leitura silenciosa da crônica de Machado de Assis, que compõe a obra *A Semana*, publicada originalmente na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, no período de 24 de abril de 1892 a 11 de novembro de 1900.

2) Leitura em voz alta do texto pelo professor ou por um aluno.

A SEMANA (*Machado de Assis*)

1894

[8 abril]

1 Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve-me a impertinência; os gostos não são iguais.

2 Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mas tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

3 Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que é que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos.

4 Meia dúzia de curiosos tinham parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez ó ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na terra, valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

5 O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: *por pensar morreu um burro* mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvida que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

6 E diria o burro consigo:

õPor mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes de haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quanto ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que não me entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando a autoridade.õ

8 õPassando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de Estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os abrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima, que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio, dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.õ

9 õA mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburí e o namorado à casa da namorada - ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia no bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio dele, deixando que me desse

tapas e punhadas na cara. Enfim...ö

10 Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam, não seriam menos exemplares que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

11 Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

12 Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos desse mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace* (ASSIS, Machado de. 8 de abril de 1892. In: _____. *A Semana*. São Paulo: W. M. Jackson, 1946. v. 2, pp. 77-82.).

- Estudo do texto

Realize as atividades que seguem.

1) Reescreva as orações, substituindo as palavras, expressões ou período(s) em negrito por sinônimos.

a) ãAgora, porém, no momento de **pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo**, que lhe parecerá **vulgar**, e **porventura torpe**. Releve-me a **impertinência**; os gostos não são iguaisö (parágrafo 1).

b) ãNunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no **tílburi** ou o apito do bonde, para sair logoö (parágrafo 8).

2) Qual foi o acontecimento que originou a crônica?

3) Por que o narrador justifica a escolha do fato que deu origem à crônica?

4) Em que espaço ocorrem as ações narradas? Como ele é caracterizado?

5) Qual é o período de tempo que duram esses fatos?

6) Que indícios revelam que o burro estava próximo da morte?

7) Como você interpreta a afirmação ãO burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternosö (parágrafo 3)?

8) Qual é a descoberta que o narrador faz ao observar o burro? Que indícios o conduzem a essa conclusão?

9) Segundo o narrador, ão pensamento não é a causa da morte, a morte é o que o torna necessárioö (parágrafo 5). Explique essa afirmação.

10) Sintetize o exame de consciência que o burro realizou.

11) O que você entende por ãa infância, como a ciência, é curiosa sem ascoö (parágrafo 12)?

12) Qual é o sentido que pode ser depreendido da afirmação: ãse o burro não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de séculoö (parágrafo 12)?

- 13) De acordo com o narrador, seria o burro superior ao homem? Por quê?
- 14) Qual é a finalidade comunicativa da crônica? Justifique.
- a) () Divertir.
- b) () Levar o leitor a refletir sobre um fato do cotidiano.
- c) () Criar humor.
- 15) Observe o narrador da crônica de Machado de Assis.
- a) Qual é a pessoa do discurso que ele emprega para narrar os fatos? Justifique sua resposta com elementos do texto.
- b) Estamos diante de um narrador-observador ou narrador-testemunha? Em que isso contribui para a construção do sentido do texto?
- 16) A crônica de Machado de Assis é literária ou não literária? Explícite sua afirmação.

4.3.3 Sistematização dos conhecimentos sobre a crônica

Organize um esquema com suas conclusões sobre as características e a estrutura do gênero textual crônica.

4.3.4 Pesquisa e elaboração de conteúdos para a produção do gênero

Releia a crônica que você produziu anteriormente e pesquise mais informações sobre o assunto abordado.

4.3.5 O planejamento da crônica

Elabore um plano-guia, organizando as ideias que nortearão a produção da crônica. Atente para o tema escolhido, o objetivo do gênero e o interlocutor que almeja atingir com seu texto.

4.4 A produção final

Retome a proposta de produção de uma crônica e realize a produção final, levando em conta o plano-guia que você organizou anteriormente e as informações que obteve sobre o assunto do texto.

4.4.1 A revisão e a reescrita

Reescreva sua crônica a partir das observações de seu professor e das inadequações que você mesmo percebeu na revisão do texto. Procure efetuar todas as melhorias necessárias.

4.4.2 Leitura em voz alta da crônica

Leia para seus colegas a crônica que produziu. Para a apresentação do texto aos colegas, você pode utilizar recursos audiovisuais, como *slides*, cartazes, lâminas e vídeos.

4.4.3 Retextualização do gênero

Releia a crônica de Machado de Assis e produza uma notícia que relate a morte do burro. Imagine que ela será publicada num jornal regional.

Lembre-se de que a notícia é um gênero textual jornalístico que relata fatos recentes e desperta o interesse do leitor pela novidade que apresenta. Esse gênero responde às perguntas: quem? (apresenta as pessoas envolvidas no fato); o quê? (relata um fato); quando? (situa o fato no tempo); onde? (mostra o local em que se desenrolou o fato); como? (explicita o modo pelo qual o fato ocorreu); por quê? (diz a causa que originou o fato).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu o gênero textual crônica e propôs uma sequência didática voltada para o ensino desse gênero. É importante trabalhar a crônica em sala de aula, pois ela faz parte do contexto comunicativo dos alunos. Além disso, seu estudo, quando mediado pela ação adequada e dinâmica do professor, contribui para o aprimoramento das competências de leitura e escrita.

Essa sequência didática foi aplicada junto aos acadêmicos do Curso de Letras da UCS/CARVI com excelentes resultados. A atividade foi prazerosa para os alunos, e eles mostraram muito interesse na exploração da crônica.

Assim, espera-se colaborar para um ensino de língua voltado para a ampliação das oportunidades de letramento, o que possibilitará a formação de sujeitos críticos, autônomos e criativos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental ó Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, Afrânio dos Santos; SOUZA, J. Galante de (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard *et al.* *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FARIA, João Roberto. Prefácio. In: ALENCAR, José de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. A crônica: uma leitura textual-discursiva. *Coleção Mestrado em Linguística*, Franca, SP, v. 1, pp. 71-94, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/384/31>> . Acesso em: 30 nov. 2011.

MACHADO, Irene A. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINS; Dênis Pereira; SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. O gênero textual crônica como instrumento de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE LETRAS, 7., FACCAR, 2006, Rolândia (PR). *Anais...* Disponível em: <http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006_g/textos/023.htm>. Acesso em: 24 mar. 2010.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

_____. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1997.

Referências de obras literárias

ASSIS, Machado de. 8 de abril de 1892. In: _____. *A Semana*. São Paulo: W. M. Jackson, 1946. v. 2, pp. 77-82.

LE MOS, Lara de. *Histórias sem amanhã*. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963. pp. 138-139.

Recebido em 24 de janeiro de 2013.

Aceito em 8 de junho de 2013.